



O
MENTINO
DO
DEDO
VERDE

Maurice Druon

ilustrações de Walter Lara

JOSÉ
OLYMPIO
Jo

Maurice Druon

O
MENINO
DO
DEDO
VERDE

tradução de D. Marcos Barbosa
ilustrações de Walter Lara

JOSE
OLYMPIC
Jo

121ª edição

RIO DE JANEIRO, 2021

Copyright © Herdeira de Maurice Druon Título do original: Tistou Les Pouces Verts

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Druon, Maurice, 1918-2009

D86m

O menino do dedo verde [recurso eletrônico] / Maurice Druon ; ilustração
Walter Lara ; tradução D. Marcos Barbosa. - 1. ed. - Rio de Janeiro : J.O, 2022.
recurso digital

Tradução de: Tistou les pouces verts

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5847-073-1 (recurso eletrônico)

1. Ficção francesa. 2. Livros eletrônicos. I. Lara, Walter. II. Barbosa, D. Marcos.
III. Título.

21-75243

CDD: 843

CDU: 82-3(44)

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

Capa e projeto gráfico: Leonardo Iaccarino Ilustrações de capa e miolo: Walter Lara
Imagem de capa: Alexander Ryabintsev / Shutterstock

Este livro foi revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de
partes deste livro, através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito.

Reservam-se os direitos desta tradução à EDITORA JOSÉ OLYMPIO LTDA.
Rua Argentina, 171 – 3º andar – São Cristóvão 20921-380 – Rio de Janeiro, RJ
Tel.: (21) 2585-2000

ISBN 978-65-5847-073-1

Produzido no Brasil
2021

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se em www.record.com.br e receba
informações sobre nossos lançamentos e promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor: sac@record.com.br

A Dom Jean-Marie Charles-Roux

SUMÁRIO

PREFÁCIO

NOTA À EDIÇÃO BRASILEIRA

- I No qual o autor, a respeito do nome de Tistu, tece algumas considerações da mais alta importância
- 2 No qual apresentamos ao mesmo tempo Tistu, seus pais e a Casa-que-Brilha
- 3 No qual somos levados a conhecer Mirapólvora, assim como a fábrica do Sr. Papai
- 4 No qual Tistu é mandado à escola, onde não fica
- 5 No qual a preocupação pesa sobre a Casa-que-Brilha e no qual se decide, para Tistu, um novo sistema de educação
- 6 Onde Tistu recebe uma lição de jardim e descobre, ao mesmo tempo, que possui polegar verde
- 7 No qual confiam Tistu ao Sr. Trovões, que lhe dá uma lição de ordem
- 8 No qual Tistu tem um sonho horroroso, e o resultado disso
- 9 No qual os sábios nada descobrem, mas o próprio Tistu faz uma descoberta
- 10 No qual Tistu, de novo com o Sr. Trovões, recebe uma lição de miséria
- 11 No qual Tistu resolve ajudar o Dr. Milmales
- 12 No qual o nome de Mirapólvora se transforma
- 13 No qual se procura distrair Tistu
- 14 No qual Tistu, a propósito da guerra, faz a si próprio novas perguntas
- 15 No qual Tistu tem uma aula de geografia, seguida de uma de fábrica, e

no qual o conflito entre os Voulás e os Vaitimboras se estende de modo imprevisto

- I6 No qual se sucedem as mais espantosas notícias
- I7 No qual Tistu corajosamente denuncia a si próprio
- I8 No qual algumas pessoas grandes acabam renunciando às suas ideias estabelecidas
- I9 No qual Tistu faz uma última descoberta
- 20 No qual ficamos sabendo finalmente quem era Tistu

SOBRE O AUTOR E O ILUSTRADOR

PREFÁCIO

O menino do dedo verde é a única história para crianças que escrevi e, sem dúvida, a única que escreverei.

Um dia, achei que seria divertido e relaxante, entre dois volumes de *Os reis malditos*, tentar um gênero literário que eu nunca tivesse abordado, e bem distante de todos os meus outros livros. No meio do caminho, reparei que as diferenças se davam apenas em relação à forma e à expressão, mas os problemas de fundo eram os mesmos.

Primeiro, porque não há crianças às quais devemos nos dirigir especificamente. Há futuros adultos, e também antigas crianças. No dia a dia, eu nunca falo com uma criança num tom infantil; não a imagino tão tola que me obrigue a falar de forma tola com ela para que me entenda. Quando era pequeno, e falavam comigo dessa maneira, eu ficava muito chateado e pensava, sem coragem de dizê-lo: “Aqui está um senhor bem bobo que precisa se agachar para parecer que tem o meu tamanho.”

O personagem de Tistu é um menino dessa espécie, que não admite que os adultos lhe expliquem o mundo com suas ideias preconcebidas. E como ele apresenta — é a virtude essencial da infância — um olhar novo sobre os seres e as coisas, desorganiza o raciocínio dos adultos, que têm o julgamento embaçado pelas lentes de costume. Particularmente, ele não entende por que os homens não conseguem chegar a um acordo para viver em paz, já que vivemos melhor com bons sentimentos do que com maus, com a liberdade do

que com a obrigação, com a justiça do que com a arbitrariedade, com a paz do que com a guerra, digamos simplesmente com o bem do que com o mal.

Da minha parte, e provavelmente é o que me resta de infância, ainda não entendi nem aceitei essa incapacidade.

Toda criança tem a expectativa de agir pelo bem comum e, para isso, aguarda o milagre de ser grande. E depois, quando é grande, geralmente esqueceu o que queria fazer ou renunciou a isso. E nada se faz. Sobra apenas um adulto a mais, sem milagre. Tistu tem a chance — e é aqui que começa seu périplo — de poder agir sendo criança. E age utilizando flores, que são, exatamente como a infância, promessa e esperança.

Como esse homenzinho, essa promessa de homem, usa as flores para lembrar às antigas crianças que nós somos os que podem viver mais felizes? É o que esta história vai lhes contar.

Mas é claro que Tistu não é uma criança qualquer.

É o que tenho comprovado há dez anos pelos amigos que conheço graças a ele no mundo inteiro, amigos de todas as idades.

Novembro de 1967.

NOTA À EDIÇÃO BRASILEIRA

A crítica francesa foi gratamente surpreendida por Maurice Druon. Já consagrado por seus romances históricos, oferecia de repente às crianças uma obra-prima de pura ficção, transbordante de humor e poesia. Renovava-se, de certo modo, o milagre de Saint-Exupéry com *O pequeno príncipe*, hoje um clássico, e não só da literatura infantil. Creio que não exageramos. Pois certas obras não transcendem apenas as fronteiras dos países, mas também as fronteiras das idades: disfarçando a profundidade de suas mensagens na singeleza de um livro para crianças, dirigem-se realmente aos adultos. Só eles compreenderão mil coisas ditas entre as linhas ou sugeridas por vários símbolos. Mas nem por isso tais livros deixam de dar o seu pleno recado às crianças, inclusive à criança que sobrevive em nós...

Mas não param nesta rica ambivalência as semelhanças entre Tistu e o Pequeno Príncipe. Há outras ainda, que aproximam ambos da mais misteriosa personagem que já passou pela Terra, embora o seu nome não apareça uma só vez em todo o texto.

Quando dizemos que um novo livro se assemelha a um outro de grande êxito, comprometemos talvez o que apresentamos. Poder-se-á pensar numa simples cópia ou transposição, ainda que bem-feita. Não é o que acontece neste caso. Tistu tem uma vidinha inteiramente sua e as proezas do seu dedo verde são inteiramente originais. Tradutor de ambos os livros, só depois de terminado o trabalho, já numa reflexão de ordem crítica, foi que dei pela

semelhança. O livro é, aliás, dedicado a Dom Jean-Marie. Como na França os bispos são tratados por *Monseigneur* e os leigos por *Monsieur*, pergunto-me se Maurice Druon não terá homenageado um monge, quem sabe um antigo mestre, revivido no velho jardineiro com sua mensagem de paz. Se for assim, o tradutor se alegra ainda mais por ter descoberto e traduzido esta pequena obra-prima.

D. Marcos Barbosa

I



no qual o autor, a respeito do nome
de Tistu, tece algumas considerações
da mais alta importância



Tistu é um nome esquisito, que a gente não acha em calendário algum, nem do nosso país nem dos outros. Não existe um São Tistu. Mas havia, no entanto, um menino a quem todos chamavam Tistu... E é preciso explicá-lo.

Um dia, mal acabava de nascer e parecia um grande pão no bercinho de vime, fora levado à igreja para ser batizado. Um padrinho de chapéu preto e uma madrinha de mangas compridas declararam ao padre que ele se chamava João Batista. Nesse dia, como quase todos os bebês em idênticas circunstâncias, o coitadinho protestou, gritou, ficou vermelho de chorar. Mas as pessoas grandes, que não compreendem os protestos dos recém-nascidos e teimam em sustentar suas ideias pré-fabricadas, garantiram com a maior firmeza que o menino se chamava mesmo João Batista.

Mas em seguida, mal a madrinha de mangas compridas e o padrinho de chapéu preto o recolocaram no berço, deu-se um fato curioso: as pessoas grandes já não conseguiam pronunciar o nome que lhe haviam dado, e puseram-se a chamá-lo de Tistu.

O fato, aliás, não é tão raro assim. Quantos meninos e meninas foram registrados no tabelião ou na igreja com os nomes de José, Maria ou Antônio, e só são chamados de Juca, Cotinha ou Tônico!

Isso prova simplesmente que as ideias pré-fabricadas são ideias mal fabricadas, e que as pessoas grandes *não sabem mesmo o nosso nome*, como também não sabem, por mais que o pretendam, de onde foi que viemos, por que estamos aqui e o que devemos fazer neste mundo.

Essa observação é muito importante e requer ainda algumas explicações.

Se só viemos ao mundo para sermos um dia gente grande, logo as ideias pré-fabricadas se alojam facilmente em nossa cabeça, à medida que ela aumenta. Essas ideias, pré-fabricadas há muito tempo, estão todas nos livros. Por isso, se a gente se aplica à leitura ou escuta com atenção os que leram muito, consegue ser bem depressa pessoa importante, igual a todas as outras.

É bom notar que há ideias pré-fabricadas a respeito de qualquer coisa, o que é bastante prático, permitindo-nos passar facilmente de uma para outra.

Mas, quando a gente veio à Terra com determinada missão, quando fomos encarregados de executar certa tarefa, as coisas já não são tão fáceis. As ideias pré-fabricadas, que os outros manejam tão bem, recusam-se a ficar em nossa cabeça: entram por um ouvido e saem pelo outro, e vão quebrar-se no chão.

Causamos assim muitas surpresas. Primeiro, aos nossos pais. Depois, a todas as outras pessoas grandes, tão apegadas às suas benditas ideias!

E foi justamente o que aconteceu com o garotinho, a quem chamaram Tistu sem consultá-lo.



2



no qual apresentamos ao mesmo
tempo Tistu, seus pais e a Casa-que-
Brilha



Os cabelos de Tistu eram louros e crespos nas pontas. Como raios de sol que terminassem num pequeno cacho ao tocar na terra. Tistu tinha grandes olhos azuis e faces rosadas e macias. Todo mundo o beijava.

Porque as pessoas grandes, sobretudo de nariz grande, rugas na testa e cabelo nos ouvidos, estão sempre beijando as criancinhas de face macia e rosada. Elas dizem que as crianças gostam, e isso é outra das ideias que inventaram. Porque são eles, os grandes, que gostam, e as crianças de face macia e rosada são muito boazinhas em prestar-se a isso.

Todo mundo que via Tistu exclamava:

— Oh, que garoto bonito!

Mas Tistu não ficava vaidoso. A beleza lhe parecia uma coisa inteiramente natural. E até se surpreendia com o fato de todos os homens, todas as mulheres e todas as crianças não serem como seus pais e ele próprio.

Porque os pais de Tistu, é bom dizer logo, eram também muito bonitos. Foi de tanto olhá-los que ele se habituou a pensar que o normal é ser bonito, enquanto a feiura lhe parecia uma exceção e mesmo uma injustiça.

O pai de Tistu, que se chamava Sr. Papai, tinha os cabelos negros cuidadosamente fixados com brilhantina; era alto e se vestia com apuro; não se via grão de poeira na gola do seu paletó, e perfumava-se com água-de-colônia.

Dona Mamãe, loura e leve, tinha as faces macias como as pétalas das flores, unhas vermelhas como pétalas de rosa, e espalhava em torno dela, quando saía do quarto, o perfume de um buquê.

Realmente Tistu era um felizardo. Pois, além do Sr. Papai e de Dona Mamãe, inteiramente dele, podia servir-se ainda da imensa fortuna de ambos.

Com efeito, o Sr. Papai e Dona Mamãe, como já perceberam, eram muito ricos.

Habitavam numa casa esplêndida, de muitos andares, com pórtico, varanda, escadaria, escadinhas, altas janelas dispostas de nove em nove, torrezinhas guarneçadas com chapéus pontudos, tudo isso dentro de um

jardim maravilhoso.

Em cada aposento da casa havia tapetes tão espessos e macios que a gente andava sem fazer barulho. Para brincar de esconder era ótimo, como também para correr descalço — coisa proibida, que fazia Dona Mamãe dizer:

— Tzistu, calce os chinelos, você vai se resfriar! Mas Tistu nunca se resfriou por causa dos tapetes.

Havia também o corrimão da escada grande. Um corrimão em cobre, muito polido, imenso S maiúsculo que nascia nas alturas da casa e tombava como um raio de ouro sobre a pele de urso do vestíbulo.

Logo que se pilhava sozinho, Tistu montava no corrimão e deslizava vertiginosamente. Esse corrimão era o seu tobogã particular, o seu tapete voador, o seu caminho mágico, diariamente polido e lustrado com furioso ardor pelo criado Cárolo. Pois o Sr. Papai e Dona Mamãe gostavam de tudo que brilha, e fazia-se grande esforço para que eles ficassem contentes.

O cabeleireiro, graças à brilhantina de que já falamos, conseguira fazer da cabeleira do Sr. Papai um capacete de mil reflexos, que todo mundo admirava. Os sapatos do Sr. Papai eram tão bem engraxados, tão bem lustrados que davam a impressão, quando ele andava, de irem chutando faíscas.

As unhas cor-de-rosa de Dona Mamãe, polidas diariamente como o corrimão, brilhavam como dez janelinhas ao levantar do sol. Em torno do pescoço, orelhas, pulsos e dedos de Dona Mamãe cintilavam colares, brincos, pulseiras e anéis de pedras preciosas. Quando saía à noite, para o teatro ou baile, as estrelas empalideciam.

O criado Cárolo, graças a um pó que inventara, tinha feito do corrimão a obra-prima que já sabemos. Servia-se do mesmo pó para lustrar as maçanetas das portas, os candelabros de prata, os lustres de cristal, bem como os saleiros, açucareiros e fivelas.

Quanto aos nove carros que dormiam na garagem, quase era preciso, para vê-los, colocar óculos escuros. Quando saíam juntos pela estrada e entravam pelas ruas, o povo parava nas calçadas. Era como se a Galeria dos Espelhos tivesse saído a passeio.

— Gente, é o Palácio de Versalhes! — exclamavam os mais cultos.

Os distraídos tiravam o chapéu, pensando tratar-se de um enterro. As vaidosas aproveitavam para contemplar-se nas portas e retocar a pintura.

Na cavalaria, nove cavalos lustrosos, cada qual mais belo que o outro. Aos domingos, quando havia visitas, instalavam os nove no jardim, para ornamentar a paisagem. O Negrão ficava sob a magnólia, em companhia de sua mulher, Belinha. O pônei Ginástico punha-se perto do quiosque. Diante da casa, sobre a relva verde, alinhavam-se os seis cavalos groselha, raça de cavalos vermelhos, extremamente raros, criados pelo Sr. Papai, que muito se orgulhava deles.

Os moços da cavalaria, uniformizados de jóquei, corriam de um cavalo ao outro com a escova na mão, pois era preciso que brilhassem também, sobretudo aos domingos.

— Meus cavalos devem ser como joias! — dizia o Sr. Papai a seus jóqueis.

Mas esse homem, tão amigo do fausto, era também um homem bom, e todos se esforçavam por obedecer-lhe. De modo que os jóqueis escovavam cuidadosamente os cavalos: nove pelos para um lado, nove para o outro. Tanto que as garupas dos cor de groselha davam a impressão de enormes rubis. As crinas e as caudas eram trançadas com papel prateado.

Tistu adorava todos esses cavalos. De noite, sonhava que estava dormindo com eles na palha dourada da cavalaria. Durante o dia, ia a todo momento visitá-los.

Quando comia chocolate, guardava cuidadosamente o papel prateado, que entregava ao jóquei do pônei Ginástico. Porque, de todos os animais, Ginástico era o predileto. E isso se compreende, pois Tistu e o pônei eram quase do mesmo tamanho.

Assim, vivendo na Casa-que-Brilha, junto ao cintilante Papai e a perfumada Mamãe, no meio de belas árvores, belos carros e belos cavalos, Tistu era um menino imensamente feliz.



3



no qual somos levados a conhecer
Mirapólvora, assim como a fábrica
do Sr. Papai



Mirapólvora era como se chamava a cidade onde Tistu nascera. Sua reputação e prestígio provinham da casa e, sobretudo, da fábrica do Sr. Papai. Mirapólvora, à primeira vista, era uma cidade como as outras: igreja, cadeia, quartel, mercado, butique. Mas essa cidade como as outras era conhecida no mundo inteiro. Porque era em Mirapólvora que o Sr. Papai fabricava canhões de todos os calibres, grandes ou pequenos, muito procurados. Canhões de bolso ou com rodas; para trens, aviões, tanques ou barcos; para atirar por cima das nuvens ou dentro d'água. Sem falar na variedade de ultraleves, para serem transportados a lombo de burro ou camelo nas regiões demasiado pedregosas, onde não se pode abrir estrada.

Numa palavra, o Sr. Papai era negociante de canhões. Desde que se entendia por gente, Tistu ouvia repetirem:

— Tistu, meu filho, nosso negócio é excelente. Canhão não é como guarda-chuva, que ninguém quer comprar quando faz sol. Ou como chapéu de palha, que fica na vitrine quando chove. Canhão sempre se vende, seja qual for o tempo!

Quando Tistu estava sem apetite, Dona Mamãe o levava à janela e mostrava de longe, bem no fundo do jardim, para lá do quiosque onde ficava o pônei Ginástico, a monumental fábrica do Sr. Papai.

Dona Mamãe fazia Tistu contar as nove imensas chaminés que lançavam fogo ao mesmo tempo; em seguida, trazia-o de volta ao prato, dizendo:

— Tome sua sopa, Tistu, porque você precisa crescer. Um dia você será o dono de Mirapólvora. Fabricar canhões é muito cansativo, e não há lugar para maricas em nossa família!

Ninguém tinha a menor dúvida: Tistu ficaria com o lugar do Sr. Papai na direção da fábrica, como este sucedera ao Sr.

Vovô, de rosto emoldurado por uma barba brilhante e a mão sempre pousada numa carreta de canhão, suspenso à parede da sala num retrato a óleo.

E Tistu, que era um bom menino, se esforçava por engolir a sopa de

tapioca.



4



no qual Tistu é mandado à escola,
onde não fica



Até os oito anos, Tistu não soube o que era escola. Dona Mamãe, com efeito, tinha preferido começar em casa a instrução do filho, ensinando-lhe os rudimentos da leitura, da escrita e do cálculo. Os resultados, é preciso reconhecer, não eram maus. Graças a belas figuras compradas especialmente, a letra A se instalara na cabeça de Tistu sob a aparência de um Asno, depois de uma Andorinha, depois de uma Águia. A letra B, sob a forma de uma Bota, de uma Bola, de um Balão etc. Quanto às contas, serviam-se de andorinhas pousadas nos fios dos postes. Tistu aprendera não somente a somar e a subtrair, mas chegava mesmo a dividir, digamos, sete andorinhas por dois fios... o que dava três andorinhas e meia para cada fio. Como essa meia andorinha podia equilibrar-se num fio, eis um outro problema que todos os cálculos do mundo jamais poderão explicar!

Quando Tistu atingiu os oito anos, Dona Mamãe considerou sua tarefa terminada. Era necessário confiar Tistu a um professor de verdade.

Compraram pois para Tistu um belo avental xadrez, botinas novas que lhe machucavam os pés, uma pasta, um tinteiro preto com figuras japonesas, um caderno de uma linha e outro de duas, e mandaram-no, acompanhado pelo criado Cárolo, à escola de Mirapólvora, que gozava de excelente reputação.

Todo mundo esperava que um menino tão bem-vestido, com pais tão belos e ricos, e que sabia dividir e esquitejar andorinhas, realizasse prodígios nas aulas.

Mas que decepção! A escola produziu em Tistu um resultado imprevisível e lamentável.

Quando começava o lento desfile das letras que caminham a passo pelo quadro-negro, quando começava a se desenrolar a monótona corrente dos três-vezes-três, dos cinco-vezes-cinco, dos sete-vezes-sete, Tistu sentia uma coceira no olho esquerdo e logo caía no mais profundo sono.

Não é que ele fosse burro ou preguiçoso, nem que estivesse cansado. Estava cheio da maior boa vontade.

“Eu não quero dormir, eu não quero dormir”, repetia Tistu consigo mesmo.

Pregava os olhos no quadro e colava os ouvidos à voz do professor. Mas sentia que a coceirinha estava chegando... Tentava, por todos os meios, lutar contra o sono. Cantava bem baixinho uma bela canção que inventara:

*Um quarto de andorinha...
Será a sua pata
ou será uma asinha? Se fosse uma empada,
eu comia todinha!*

Não adiantava. A voz do professor ia se transformando numa canção de ninar; a noite descia sobre o quadro-negro; Tistu ouvia o teto cochichar: “Por aqui, por aqui, belos sonhos!”, e a aula se transformava em aula de sonhar.

— Tistu! — gritava de repente o professor.

— Não foi de propósito, professor — respondia Tistu, acordando num sobressalto.

— Isso não interessa. Repita o que acabei de dizer.

— Seis empadas... divididas por duas andorinhas...

— Zero!

No primeiro dia de aula, Tistu voltou para casa com o bolso repleto de zeros.

No segundo dia, ficou de castigo por mais duas horas, isto é, ficou mais duas horas a dormir na aula.

Na tarde do terceiro dia, o professor entregou a Tistu uma carta para seu pai.

Na dita carta, o Sr. Papai teve a desdita de ler estas palavras: “Prezado Senhor, o seu filho não é como todo mundo.

Não é possível conservá-lo na escola.” A escola devolvia Tistu a seus pais.



5



no qual a preocupação pesa sobre a
Casa-que-Brilha e no qual se decide,
para Tistu, um novo sistema de
educação



A preocupação é uma ideia triste que nos comprime a cabeça ao despertar e permanece ali o dia todo. A preocupação se serve de qualquer meio para penetrar nos quartos; ela se insinua como o vento no meio das folhas, monta a cavalo na voz dos pássaros, desliza pelos fios da campainha.

Naquela manhã, em Mirapólvora, a preocupação se chamava: “Não é como todo mundo.”

O sol não se decidia a levantar-se.

“É bem aborrecido ter de acordar esse pobre Tistu”, dizia ele. “Logo que abrir os olhos, vai lembrar-se que foi expulso da escola...” O sol pôs um abafador no seu dínamo e lançou uns raiozinhos de nada, embrulhados em bruma; o céu permaneceu cinzento em cima de Mirapólvora.

Mas a preocupação dispõe de outros recursos; dá sempre um jeito de chamar a atenção. Ela se infiltrou, dessa vez, na grande sirene da fábrica.

E todo mundo em casa ouviu a sirene gritar:

— Não é como todo mu-un-undo! Tistu não é como todo mu-un-undo!

Foi assim que a preocupação penetrou no quarto de Tistu. “Que será de mim?”, perguntou a si próprio. E afundou a cabeça no travesseiro, mas não conseguiu adormecer de novo.

Era desesperador, reconheçamos, dormir tão bem na aula e tão mal na cama!

Siá Amélia, a cozinheira, resmungava sozinha, acendendo o forno:

— Nosso Tistu não é como todo mundo? E quem é que prova? Tem dois braços, duas pernas...

O criado Cárolo, polindo raivosamente o corrimão da escada, ficava repetindo:

— Tistu no ser como os outros...

Cárolo, fazemos questão de declarar, tinha um leve sotaque estrangeiro.

Na cavalaria, os jóqueis cochichavam:

— Não é como todo mundo, um garoto desses... Você engole essa?

E como os cavalos participam das preocupações dos homens, até os

puros-sangues groselha pareciam nervosos, batiam com as ferraduras, davam arrancos nas rédeas. Três fios brancos apareceram de repente entre a crina da Bonita.



Só o pônei Ginástico permanecia alheio a toda essa agitação e comia tranquilamente o seu feno, mostrando os seus belos dentes.

Mas exceto esse pônei, que bancava o indiferente, todo mundo perguntava o que ia ser de Tistu.

E os que se faziam essa pergunta com aflição maior eram, é claro, os pais do menino.

Diante do espelho, o Sr. Papai passava brilhantina no cabelo, mas sem nenhuma alegria, quase automaticamente.

“Eis um menino”, pensava ele, “que parece mais difícil de educar do que um canhão!”

Rosada entre os travesseiros rosados, Dona Mamãe deixou cair uma lágrima dentro do café com leite.

— Se adormece na aula, como poderá aprender? — perguntava ela ao Sr.

Papai.

— Talvez a distração não seja uma doença incurável — respondeu ele.

— Em todo caso, é menos perigoso que a bronquite — continuou Dona Mamãe.

— Mas, de qualquer modo, é preciso que Tistu se torne um homem — disse o Sr. Papai.

Após esse violento diálogo, calaram-se um momento. “Que fazer? Que fazer?”, pensavam os dois, cada um em seu canto.

O Sr. Papai era homem de decisões rápidas e enérgicas. Dirigir uma fábrica de canhões retempera uma alma. Por outro lado, amava muito o filho.

— É muito simples — declarou ele. — Achei a solução. Tistu não aprende nada na escola? Pois bem, não vai mais pisar em escola alguma! Se os livros o fazem dormir, fora com os livros! Vamos experimentar com ele um novo sistema de educação, já que não é como todo mundo! Ele aprenderá as coisas que deve saber olhando-as com os próprios olhos. Ensinar-lhe-ão, no local, a conhecer as pedras, o jardim, os campos; explicar-lhe-ão como funciona a cidade, a fábrica e tudo que puder ajudá-lo a tornar-se gente grande. A vida, afinal, é a melhor escola que existe. Vamos ver o resultado!

Dona Mamãe aprovou com entusiasmo a decisão do Sr. Papai. Quase lamentou não possuir outros filhos nos quais pudessem aplicar um sistema educativo tão sedutor.

Para Tistu, adeus empadinhas comidas às pressas, pasta a carregar nas costas, carteira onde a cabeça tombava sozinha e punhados de zero a escorrerem do bolso! Começava uma vida nova.

E o sol se pôs de novo a brilhar.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "O menino do dedo verde" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).